

“O Jogo do Texto” no romance *O Tímido e as Mulheres*, de Pepetela.

Lílian Serra Deus¹

RESUMO:

Pretende-se neste trabalho, à luz da teoria da recepção, mostrar o jogo que é estabelecido na narrativa *O Tímido e as Mulheres*, de Pepetela sob duas perspectivas: enredo e forma do texto literário. Pretende-se, pois, mostrar que o enredo é construído de maneira que as personagens fazem parte de um jogo, que é jogado entre elas e, simultaneamente, por Pepetela e seus leitores. Forma e conteúdo se imbricam de tão maneira que desse diálogo nasce uma narrativa que fala de si mesma, portanto, uma metanarrativa.

ABSTRACT:

It is intended in this work, in the light of the reception theory, show the game that is set in the novel *O Tímido e as Mulheres*, of Pepetela on two perspectives: plot and literary form of the text. It is intended, therefore, show that the plot is built so that the characters are part of a game that is played between them and, simultaneously, by Pepetela and your readers. Form and content are intertwined in such a way that this dialogue is born a narrative that speaks of herself.

PALAVRAS-CHAVE: Jogo, Romance, *O Tímido e as Mulheres*, Metanarrativa.

KEYWORDS: Game, Novel, *O Tímido e as Mulheres*.

Introdução

O surgimento do gênero romanesco está ligado às mudanças que determinam a crise do sistema feudal e aparecimento de uma nova classe social, advinda dos burgos e do renascimento urbano, ainda na baixa idade média: a burguesia, que ao nascer inaugura mudanças no âmbito da experiência e de sua expressão literária.

Na perspectiva lukácsiana, o romance é a forma de expressão artística que surge em virtude da fratura entre o sujeito e o mundo, propiciada pelas guerras. O homem contemporâneo, de acordo com Lukács, não é mais, portanto, contemplado por uma perspectiva de totalidade, como o era em períodos anteriores. A cisão entre o sujeito e o mundo possibilitam o surgimento do novo gênero, posto que o gênero épico abarcava uma visão de um mundo ainda não fendido pelas guerras, o mundo da totalidade.

Lukács sublinha que:

¹ Doutoranda em Literaturas de Língua portuguesa, PUC Minas.

Título da pesquisa: Memórias, tradições e identidades em *As visitas do Dr. Valdez*, de João Paulo Borges Coelho, *O Outro Pé da Sereia*, de Mia Couto e *Leite Derramado*, de Chico Buarque.

o romance é a epopeia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem por intenção a totalidade. (LUKÁCS, 2000, p. 55).

A epopeia marca, diante dessa perspectiva, a forma de expressão da unidade do mundo grego. Já o romance sinaliza para a fratura entre interioridade e mundo e torna-se a forma de expressão do homem moderno, engendrado pela sociedade burguesa. Contudo, apesar de anunciar o fim da antiguidade e o nascer de uma nova forma de organização social, o romance, ao encenar a experiência humana, denota que o homem moderno ainda almeja atingir a totalidade perdida, embora a forma romanesca assinale a concretude da cisão. O romance denuncia a ausência do vínculo entre indivíduo e comunidade; opõe-se a completude épica, sinaliza para a perda do sentido imanente à vida. Ao contrário do que ocorre no gênero épico, no romance não há feitos, põem-se em questão os feitos. Enquanto, no épico, não há uma distinção entre exterioridade e interioridade, pois é um mundo da totalidade, o romance reclama para si essa distinção.

Diante das perspectivas abarcadas por romance e epopeia, é instigante perscrutar os sentidos encobertos no fato do romance *O Tímido e as Mulheres* contemplar um herói como personagem principal e, para além disso, ter esse personagem o nome de herói épico, mesmo em se tratando de uma narrativa romanesca.

Intenta-se, pois, através do presente artigo, investigar como a construção da narrativa de *Pepetela*, tanto no que se refere à forma quanto nos aspectos correlacionados ao enredo, entretece um jogo que se dá à luz do que preceitua a teoria da recepção. Busca-se, pois investigar os artifícios autorais de construção do texto literário, a fim de mostrar que o “jogo do texto” para além de direcionar a relação entre autor, leitor e texto, também direciona, no âmbito do enredo, as relações entre os personagens, possibilitando, dessa maneira, vislumbrar dois jogos que se imbricam exibindo a tessitura da narrativa do escritor angolano.

Construindo jogos

O romance *O Tímido e as Mulheres*, de *Pepetela* gravita em torno das relações humanas. O enredo encena a história de Heitor, um escritor em início de carreira. Através dele e de seus amigos, percorre-se o dia a dia da sociedade angolana. A narrativa expõe os contrastes de Luanda, os efeitos das guerras, as desigualdades

sociais, a corrupção, a riqueza, a pobreza, em todos os setores da sociedade, inclusive na escola. Faz-se relevante observar que é a partir das relações pessoais estabelecidas por Heitor que todas essas questões são trazidas a lume. Por meio dessa personagem, muitas outras relações se evidenciam e permitem perceber que o indivíduo é apenas uma “peça” de um jogo. Este, por sua vez, concebe-se perfazendo a ideia de rede de relações/contatos à qual cada sujeito se interliga, admitindo, dessa forma, que muitas conexões sejam feitas.

Heitor, em virtude de uma desilusão amorosa, decide isolar-se em um bairro mais pobre de Luanda, um musseque, apesar de ser filho de um diretor nacional e de uma deputada e ter, portanto, meios de se abrigar em outros espaços. A narrativa tem início com o narrador discorrendo acerca da personagem Heitor. Nesse momento, ele acentua a importância dos nomes, na narrativa, como evidenciado a seguir:

Heitor é nome de herói.
Os nomes são importantes. Os heróis às vezes também. Não há heróis tímidos, embora não sejam conceitos totalmente contraditórios. O Heitor de que falaremos [*para usar o aristocrático plural, privilégio de narrador*] era tímido, muito tímido mesmo [...]
(PEPETELA, 2014, p. 07)

A atitude do narrador, ao evidenciar o nome de Heitor, desperta alguns questionamentos no leitor a respeito da importância daquele nome dentro da narrativa. Para além disso, por que, em uma narrativa angolana, um nome cuja origem não é africana é destacado logo no início do romance?

Posteriormente, o narrador estabelece a relação entre o Heitor ao qual se refere e a personagem, de mesmo nome, que guerreou na batalha de Troia:

[...] Pobre Heitor, longe de Troia.
(PEPETELA, p. 9)

[...] A dor lhe dava para memória de gregos, talvez por ser uma tragédia se abatendo por sua cabeça, talvez por se chamar Heitor, o assassinado em Troia pelo brutamontes Aquiles[...]
(PEPETELA, p. 34)

O Heitor, guerreiro da batalha de Tróia, habita o espaço da epopeia, pois é personagem da obra de Homero, *Ilíada*. Pepetela constrói uma personagem que alude ao herói épico de Homero, mas que, de certa forma, dele se aproxima para, posteriormente, se afastar. O herói de Pepetela, ao contrário dos heróis épicos, não tem feitos gloriosos para narrar, e no lugar da coragem, que compete aos grandes personagens do gênero

épico, ele é tímido e conduzido não pelos deuses, mas à luz da própria sorte. Ademais, o Heitor de Pepetela, ao contrário do Heitor contemplado pela *Ilíada*, é abarcado pela narrativa romanesca.

Segundo Luckács:

Os homens modernos, ao contrário dos homens do mundo antigo, separam-se quanto às suas finalidades e relações pessoais das finalidades da totalidade; aquilo que o indivíduo faz com as suas próprias forças o faz só para si, e por isso responde somente por suas ações e não pelos atos da totalidade substancial à qual pertence.
(LUCKÁCS, 1984, p. 6).

Portanto, não se espera encontrar no gênero romance heróis épicos. O herói que compete ao romance é apenas o herói problemático. Ao trazer essa contraposição, no início na narrativa, o jogo entre leitor, autor e texto, do qual, discorre Iser (2002), através da teoria da recepção, é enfatizado não só tangenciando a forma do texto literário, mas também no que concerne ao enredo do romance. A narrativa de Pepetela afirma o gênero romanesco, a partir do momento em que desconstrói a força do herói épico, caracterizando-o pela timidez. Assim, desde o início, a narrativa romanesca conclama o seu lugar. Além disso, é importante atentar-se para o fato de que a personagem Heitor, criada por Pepetela, é um escritor em início de carreira que, durante o processo de construção textual, passeia por vários gêneros, mas que decide-se pelo romance, como observado a seguir:

Desenvolveu a hipótese de Tatiana ter continuado perto dele e se deleitava em inventar cenas eróticas, misturando sonhos com impossibilidades. Sofria com os seus personagens e se apaixonava por suas amadas [...] Se maravilhou com a ternura das palavras nascendo, se amarfanhou perante verbos dominantes. Tentou a poesia e depressa a abandonou, tão concisa, tão difusa. Optou definitivamente pela prosa, lhe abrindo praias imensas de areia branca, virgens, reproduzíveis até o extremo dos universos. Se encantou por poder inventar mundos em que se perdia, atmosferas irrespiráveis de conflitos, dualidades onde podia procurar consensos ou duelos definitivos. Ainda fez um desvio para o drama, num momento de divagação, mas sentiu as limitações espaciais e temporais do palco. Não, ele precisava das extensões livres do cinema com que se formou, ficou marcado em miúdo, por isso só o romance lhe satisfazia a ânsia libertária. Mas antes de se lançar para tão longos cursos, como o corredor que treina a maratona com percursos mais reduzidos, escreveu uma novela. (PEPETELA, p. 12)

O narrador, como sublinhado pelo excerto acima trazido, relata o processo de construção da escrita de Heitor. Depois de transitar por vários gêneros: poesia, prosa, drama, etc, ele opta pelo romance, pois é o gênero com o qual se afina. Há, portanto, um enredo que diz da construção narrativa e que, ao fazê-lo, possibilita que dois jogos paralelos se estabeleçam: o jogo a ser jogado entre as personagens, principalmente, Marisa e Heitor, e o jogo que se estabelece entre autor, leitor e texto literário.

Iser (1996, p. 340) aponta para a necessidade de se enxergar o texto literário como um jogo que se faz pela interação de três elementos: autor, leitor e texto. E essa relação estabelecida entre os integrantes desse jogo deve sempre ser concebida, ainda segundo Iser, como um processo em andamento que produz algo que antes inexistia, daí a ideia de performance:

O jogo do texto resulta de uma transformação de seus mundos de referência; no entanto, desse jogo emerge algo que não pode ser deles deduzido. Em consequência, nenhum desses mundos pode ser objeto de apresentação, pois o texto de modo algum está reduzido a ser a representação de algo previamente dado. Em outras palavras: não há representação sem performance, e a origem da performance é sempre distinta daquilo que é representado. (ISER, 1996, p. 341).

A origem da performance, de acordo com o que foi pontuado acima, é sempre distinta daquilo que é representado. Tal premissa coloca em evidência a importância do leitor, pois para que o ato performático se estabeleça ele é figura imprescindível, já que os espaços vazios a serem preenchidos no texto literário se dão apenas no ato da leitura.

No romance de Pepetela, a tríade leitor, autor e texto é encenada não somente no que tange à forma, que naturalmente conchama ao jogo, como já dito anteriormente, mas também pelo enredo que reitera a ideia de jogo e performance. Marisa e Heitor desenvolvem uma relação de atração mútua: ele se apaixona pela voz da radialista e lhe pede para que leia seu livro em voz alta, com o intuito de gravar a leitura. Ela se apaixona pelo texto que ele escreve. Mais do que uma relação de atração homem, mulher, há encenada uma relação de desejo entre escritor, leitor, e texto literário, já que Heitor, como sabido, é escritor, e Marisa passa a ser sua leitora. O encontro dos dois é, a todo o momento, mediado pelo texto literário.

A importância dos leitores, tanto o encenado pelo enredo, quanto o leitor empírico, nesse jogo é enfatizada em vários momentos, como ilustrado a seguir pelo trecho em que o narrador afirma que somos “nós é que imaginamos sobre o filmado”. Assim o é com leitor: é este quem produz sentido ao “filmado”, ao texto lido:

O que a câmera filmava não passava disso: uma moça apetitosa virada para uma janela. Mas as câmeras nunca filmaram emoções, desejos, excitações, nós é que imaginamos sobre o filmado.
(PEPETELA, p. 21)

O texto literário abarca a ideia de vazios: é o leitor que preenche as lacunas do texto, colocando-o, assim, em movimento. Dentro dessa perspectiva, do texto enquanto jogo em que o leitor se constitui como um elemento de fundamental importância para a construção de sentido, é que o enredo do romance de Pepetela se desenvolve. Nesse sentido, Iser sublinha que:

Assim o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, interpretá-lo. Essa dupla operação de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações. O mundo repetido no texto é obviamente diferente daquele a que se refere [...]
(ISER, 2002, p. 107)

Para além da importância do leitor no jogo que se estabelece, há, na narrativa de Pepetela, um processo de construção de escrita que chama a atenção: o enredo parece abarcar a perspectiva da construção narrativa, ou seja, há um enredo que diz sobre si mesmo e, nesse sentido, o romance *O Tímido e as Mulheres* pode ser lido como uma metanarrativa. À medida que o narrador discorre acerca do processo criativo de Heitor, Pepetela nos apresenta o seu. Portanto, simultaneamente, dois textos vão sendo tecidos: a narrativa de Heitor e a narrativa de Pepetela.

O enredo alude, reiteradamente, a respeito dos gêneros literários e dos processos de criação literária de Heitor. Há, portanto, uma forma que se reitera pelo enredo e, nesse sentido, o leitor é conclamado a participar dos jogos: na perspectiva do enredo (Marisa) e na perspectiva do romance, os leitores modelo, empíricos, à luz do que evidencia Eco (1994, p.22). Nesse sentido, cabe ressaltar o que nos aponta Iser a respeito da importância do leitor:

É sensato pressupor que o autor, o texto e o leitor são intimamente interconectados em uma relação a ser concebida como um processo em andamento que produz algo que antes inexistia.
(Iser, 2002, p. 105)

A ideia de processo trazida por Iser aponta para o fato de que não há uma realidade pré-dada encenada pelo texto literário, o pré-dado é o material a partir do qual algo novo é modelado. É, portanto, o leitor, por meio de suas percepções, horizontes de expectativas, apropriando-me do termo de Iser, quem construirá os sentidos do texto, preenchendo suas lacunas. São os vazios do texto, portanto, é que põem o jogo em movimento.

O narrador de *Pepetela* parece compactuar com essa percepção, pois os leitores (empíricos, modelo) são, a todo o momento, conclamados na narrativa e tangenciam a forma romanesca e o enredo, como evidenciado pelo excerto a seguir:

Marisa deu um trago e começou a ler em voz alta, mesmo sem preparação. As frases borbulhavam na garganta dela mais bonitas e fortes do que as escritas. Desprendido do ecrã do computador, olhando o teto falso pintado de branco, via a estória pairando sobre ele e lhe parecia possível agarrar as próprias palavras, tremeluzentes, se unindo em sentidos ocultos, misteriosos, promissores. Sempre em movimento e se transformando em mil sentidos, as palavras que já tinham sido suas, e delas se desapossava sem dor.
(PEPETELA, p. 54)

A figura do leitor é mais uma vez trazida à cena, pois Marisa, no ato da leitura da narrativa de Heitor, faz com que as palavras por ela entoadas “sejam mais bonitas e fortes do que as escritas”. Além disso, é Marisa (leitora) quem confere “sentidos ocultos, misteriosos, promissores” ao texto escrito por Heitor, do qual ele, já não sendo dono, se “desapossava sem dor”. O processo de escrita é, desse modo, encenado na narrativa, o que corrobora a ideia, já trazida anteriormente, de se tratar de uma narrativa que diz de si mesma.

Segundo Iser:

Os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo. O próprio texto é resultado de um ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém em um mundo existente, mas, conquanto, o ato seja intencional, visa a algo que ainda não é acessível à consciência. Assim o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, interpretá-lo.
(ISER, 2002, p. 107)

Nesse sentido, é interessante observar que muitas passagens da narrativa de *Pepetela* reverenciam as premissas postuladas pela teoria da recepção, da qual Iser é um dos regulamentadores. O narrador, ao relatar sobre a novela escrita por Heitor, discorre

também a respeito da forma que esse gênero abarca, desde a escolha do título, das palavras, etc. Mas para além disso, o narrador enfatiza, mais uma vez, o leitor como integrante imprescindível do “jogo” ao evidenciar, por exemplo, que as ondas, às quais o título da novela remete, “ estão no cérebro de cada leitor”, como aponta o excerto abaixo:

O título era *Para lá das ondas*. Na novela não tinha nada relacionado com surf ou mar, nem com acústica ou matemática. A palavra ondas era absolutamente arbitrária e irrelevante, alheia à estória. Por isso manteve o título, haveriam de perguntar onde estão as ondas no seu livro, e ele diria, as ondas estão no cérebro de cada leitor [...] Um livro é tanto do leitor quanto do escritor, pois o leitor reescreve-o constantemente. Antes de o acabar, já procurava respostas para as perguntas de futuros entrevistadores e improváveis admiradores. Onde estava o tímido Heitor? Era, no entanto, uma novela de um amor no meio de combates inodoros, insípidos, mas não menos dolorosos. (PEPETELA, p. 12)

Dessa maneira, o narrador ao descrever o processo criativo de Heitor alude também ao processo criativo de Pepetela. Portanto, não despropositadamente, o protagonista da narrativa de Pepetela é um escritor. Porém, além disso, cabe ressaltar que ao relatar que Heitor escreve uma “novela de amor no meio de combates inodoros”, relata-se o enredo da novela escrita por Heitor e, simultaneamente, retoma-se o enredo da narrativa de Pepetela, pois Heitor escreve seu livro também em meio à combates “não menos dolorosos”.

A alusão à ideia de jogo é, novamente, trazida à cena, no momento em que o narrador, por exemplo, discorre sobre as leituras de Marisa acerca do livro de Heitor. O jogo a ser jogado por Marisa e Heitor alude ao jogo que é jogado entre Pepetela e seus leitores, como conotado pelo trecho que se segue:

[...] Continuou a ler. E ele ficou tentando recordar o instante breve em que conseguiu abarcar o rosto dela e o peito, onde as mamas saíam um pouco do sutiã, cheias. [...] E se admirava agora como ousara deslocar os olhos dos dela, para lhe afagar o peito [...] Foi no momento em que ela se virava para a leitura, talvez não tivesse reparado. Se foi apanhado no delito, também não houve recriminação. Ou fazia parte do jogo (seria mesmo um jogo?) ou ela pura e simplesmente não se importava de ser avaliada, talvez gostasse. (PEPETELA, p. 55)

O jogo estabelecido no enredo entre Marisa (leitora) e Heitor (escritor) é retomado e é o mesmo a ser jogado entre os leitores empíricos de Pepetela, quando da

leitura do romance. Embaralham-se leitores modelo, empírico, implícitos com autores modelo/ empírico.

Para além da encenação do “jogo do texto” que a narrativa de Pepetela abarca, os efeitos que o texto literário produz no leitor também são encenados no romance. Em determinados momentos da narrativa, Heitor é espectador de Marisa. Ele a observa lendo seu texto e participa dos efeitos que as leituras despertam em sua leitora. O prazer da experiência estética é encenado e metaforizado pelo prazer sexual e pela relação de desejo recíproco estabelecido entre escritor e leitora:

Marisa teve um estremecimento, Heitor pôde sentir sem dúvida nenhuma, enquanto as nádegas dela se apertavam e depois enlanguesciam, deixando as coxas enfim se separar. Ela sabia, estava a ser observada. No entanto permitiu a visão mais ampla da bunda fremente, ou não pôde resistir a um suspiro que escapou entre frases e um gaguejar ligeiro quando o herói realizou o desejo mútuo. Devia ser muito lasciva a estória, pensou Heitor, ou ela a vivia com a intensidade que se deseja dos bons leitores, porque a sensualidade explodia de sua garganta e havia arrulhos e gemidos que se colocavam às palavras, enquanto os dois heróis se perdiam num orgasmo prolongado.
(PEPETELA, p. 56)

No excerto citado, quando o narrador revela os pensamentos de Heitor, é interessante observar que a personagem admira a maneira com a qual Marisa lê seu livro. Nesse momento, Heitor traz o conceito de leitor modelo, o que corrobora a ideia de que o desejo entre ambos advém não da possível a relação homem/ mulher, mas da relação escritor/leitora.

A leitura desperta emoções diversas em Marisa, mas todas relacionadas ao prazer da fruição estética. Ao terminar a leitura, Marisa tem lágrimas nos olhos e Heitor fica a contemplar os sentidos que ela produz de seu texto e as emoções que a tomam no momento da leitura:

[...] Tinha lágrimas nos olhos. Não falou, ficou a contemplá-lo. As lágrimas não corriam pelas faces, estavam apenas nos olhos. Sussurrou:
- O final é muito comovente.
Ele não replicou. Devia? Que faz um escritor quando lhe dizem uma frase daquelas? Só o final? [...]
(PEPETELA, p. 56)

À medida que a estória avançava, mais convencida ficava de viver um grande momento, é a primeira vez que leem a tua obra estando tu presente. Deves ter notado na minha voz as emoções que despertaste.

Confesso, fiquei agarrada, sofri com os personagens, gozei com os personagens. Tens o condão de colocar o leitor no centro do drama, de o fazer ver e ouvir e sentir todo o ambiente e a ação.
(PEPETELA, p.57)

Em determinado momento da narrativa, Heitor escreve um conto:

Não tomou duche ao chegar a casa, como de hábito, sentou logo à frente do computador. E, de um jato, compulsivamente, escreveu o conto seguinte[...]
Leu e releu o que tinha escrito. Bem era só uma ideia. Um rascunho de conto, mas podia ser um princípio de romance, ou melhor, a base para um romance. Desenvolver mais as personagens, acrescentar outras, aproveitar para densificar o conflito etc., os truques habituais.
(PEPETELA, p. 263)

É importante atentar-se para o fato que o conto escrito por Heitor e mencionado pelo narrador no enredo é trazido, literalmente, no romance. Dessa maneira, Pepetela embaralha; brinca com os gêneros e suas formas. Ele relaciona o enredo do conto ao enredo do romance e retoma a forma do gênero conto ao trazê-lo para dentro de uma narrativa romanesca. O conto tem por nome Ordália, que é uma espécie de sentença em que se averigua a inocência ou a culpa de alguém, sendo que o resultado dessa averiguação é tomado como uma espécie de sentença divina. O conto é trazido exatamente momentos antes de Lucrécio, marido de Marisa, aparecer morto: ele se suicida, mas Marisa é suspeita de sua morte. Algumas personagens acreditam na inocência de Marisa outras apostam na sua culpa. Mas a sentença da personagem vem de si mesma: ela decide afastar-se definitivamente de Heitor por acreditar que ele seria o impulsionador dos ciúmes e da motivação suicida de Lucrécio.

É interessante observar o significado do nome Lucrécio: o nome faz alusão ao filósofo romano detentor de ideias libertárias que também se suicidou, deixando, assim como a personagem de Pepetela, um poema escrito. As circunstâncias da morte do filósofo também são desconhecidas. No poema deixado por Lucrécio, marido de Marisa, podem-se perceber pistas do seu desfecho:

Abri a janela da gaiola
Para poderes voar.
Essa janela por onde entraste na minha vida [...]
(PEPETELA, p. 268)

Após a morte de Lucrécio o narrador descreve Marisa na fase de luto:

Naquele momento, Marisa ainda estava na fase do luto, no começo da metamorfose. Nunca mais seria a mesma, isso estava claro para ela [...]

Um capítulo estava encerrado, talvez um livro inteiro.

E Heitor, decididamente, dele estava arredado.

(PEPETELA, p. 298)

Note-se que a entrega do livro e o fim das leituras de Marisa coincide com a morte de Lucrécio. Diante dessa perspectiva, o luto de Marisa parece abarcar significados outros: não seria o término das leituras de Marisa também uma espécie de luto? E a metamorfose, relatada no excerto acima, não sugere também a metamorfose que a leitura é capaz de promover no leitor? Nesse sentido, em decorrência das transformações advindas do ato de ler, Marisa “nunca mais seria a mesma”. Dessa maneira, o capítulo que se encerra marca o fim do romance de Pepetela e, portanto, alude também ao luto advindo do fim do jogo entre Pepetela e seus possíveis leitores. Para além disso, é importante ressaltar que o encontro de Marisa e Heitor só se fez possível através do livro, pois é um encontro entre escritor e leitora, que somente se estabelece em função do texto literário. Findada a leitura, findam-se também as relações dela advindas, e o período de luto e de metamorfose se iniciam.

Considerações finais

Na narrativa *O tímido e as Mulheres*, a maneira como as relações interpessoais se estabelecem permite vislumbrar, pelos caminhos da ficção, o cenário de um país que, findadas as guerras, exhibe um cotidiano que ainda que ainda está longe de permitir que condições sociais mais justas sejam alcançadas. Ademais, o romance possibilita perceber que as identidades das personagens foram estrategicamente construídas de maneira a permitir que a ideia de jogos se evidencie. Ao conceber um enredo cujos personagens centrais são um escritor e sua leitora, Pepetela traz a lume os jogos a serem jogados tanto no que concerne ao enredo quanto no que concerne à forma: os dois se imbricam e essa imbricação forja, simultaneamente, os romances de Pepetela e de Heitor. Assim, a narrativa romanesca encena o seu próprio processo construtivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ISER, Wolfgang. *O Fictício e o imaginário: perspectiva de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes*, v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

PEPETELA. *O tímido e as mulheres*. São Paulo: Leya, 2014.